



SOPHIE JORDAN

as indecorosas

DAMAS DE LONDRES

A CONDESSA

Rocco:
DIGITAL

SOPHIE JORDAN

as indecorosas
DAMAS DE LONDRES

A CONDESSA

Tradução de Natalie Gerhardt

Rocco:
DIGITAL

*Para Katie Horton... meu refúgio da imensidão.
Que felicidade ter você na minha vida.*

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Fuxico Londrino

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Epílogo

Créditos

A Autora

FUXICO LONDRINO

14 de abril de 1821

É oficial. Lady Cordelia Chatham foi apresentada à corte, e a Sociedade está em polvorosa! Ela é a imagem da beleza e do encanto. Decerto que seu pedigree impecável há de ser suficiente para compensar qualquer escassez de dote que possa acometer a filha de um conde conhecido por passar mais tempo do que o aceitável nas jogatinas. Caçadores de fortuna não precisam se candidatar, mas aqueles que desejam uma noiva nobre e bem relacionada não precisam procurar mais nada além dessa beleza deslumbrante, ainda que cara, para adornar o braço de qualquer cavalheiro com sorte o suficiente para ganhar seu coração. A bela da temporada chegou...



Capítulo 1



Uma dama raramente escolhe o marido, mas pode muito bem escolher as amigas. É de se estranhar que ela prefira a companhia das amigas?

— Gertrude, a condessa de Chatham

*Grosvenor Square
Londres, Inglaterra*

Gertrude largou o pasquim escandaloso com um suspiro baixo e satisfeito, totalmente ciente de que aquela deve ter sido a primeira vez que tocou naquele periódico sentindo algo além de desprezo no coração. Por mais que odiasse pasquins e todos os problemas que poderiam causar, *e causavam*, aquele artigo era, com certeza, deleitável. Nada daquela sujeira usual, por certo.

Coisas boas estavam acontecendo para Delia, e aquele era um bom sinal. Ela teria opções. Pretendentes entre os quais escolher. Um destino planejado por ela. Tudo que Tru havia prometido que a filha teria. Tudo estava indo de acordo com o planejado.

Ela pegou a xícara de chá.

— A senhora parece muito satisfeita — disse Hilda enquanto se movia pelo quarto, arrumando o aposento e pegando tudo de que Tru precisaria para se aprontar para o dia.

— Pois estou, mesmo.

— E tem a ver com o que leu ali? — Hilda, com ar de dúvida, usou a sapatilha que segurava para apontar para o jornal.

— Certamente. Delia recebeu um grande elogio no *Fuxico Londrino* hoje. — Chatham pode até ter recebido uma alfinetada sutil no processo, mas Delia não fora insultada de forma alguma. E era o que importava. Era *tudo* que importava.

— Ah. — A criada levantou as sobrancelhas. — É mesmo? — Hilda colocou o vestido que tinha acabado de passar na *chaise*. — Então lady Delia vai ficar feliz.

— Decerto que sim.

Tru assentiu com um sorriso que não demonstrava tanta certeza. Esperava que sim. Aquilo era um sinal de que coisas boas estavam por vir. Coisas que a filha era jovem e inexperiente demais para compreender, mas Tru compreendia.

Tru compreendia perfeitamente.

Hilda inclinou a cabeça com ar pensativo.

— O que acha, senhora? Pérolas? Ou talvez seja melhor o broche de safiras?

Tru olhou para o vestido amarelo e alegre que usaria naquele dia.

— Acho que safiras são mais apropriadas para a primavera.

Assentindo, a criada a ajudou a se vestir, apertando bem o espartilho.

— Não aperte tanto — instruiu Tru. Seus dias de cintura minúscula já haviam passado. Apreciava demais as panquecas inglesas da cozinheira para mantê-la. — Eu preciso respirar.

— Claro, senhora.

Tru analisou os cabelos desgrenhados pelo reflexo no espelho de corpo inteiro. Passara uma noite agitada, preocupando-se com a primeira temporada de Delia, e seu cabelo era testemunha. Hilda ficaria um bom tempo tentando domar as mechas embaraçadas em algo apresentável.

Suspirou. As pessoas sempre diziam que a vida era curta, mas era interminavelmente longa quando se sofria em um casamento infeliz. Os dias se arrastavam, sem pressa, como uma goteira lenta e suave pingando de um beiral.

Dias se transformavam em semanas, que se transformavam em meses e, depois, em anos, sem parar. Delia não passaria por aquilo.

Ainda assim, mesmo acalentando aquele pensamento feliz, Tru continuava a sentir uma preocupação incômoda. Uma desconfiança sombria que passava pela sua mente e que poderia ser considerada uma premonição, se ela acreditasse naquelas tolices, mas ela com certeza não acreditava.

Havia no mundo apenas a felicidade (ou a infelicidade) que alguém reivindicava na vida.

Ela se certificaria de que a filha tivesse todas as chances de reivindicar tal felicidade para si.

JASPER THORNE LEU e releu o jornal antes de apoiá-lo no peito. Ainda precisava levantar da cama. Viu a fumaça da xícara de café que seu criado pessoal deixara para ele em uma bandeja na mesinha de cabeceira, dando as boas-vindas ao dia. Ao longe, ouviu os outros criados se movimentando nas entranhas do edifício.

Os pasquins de fofoca não costumavam ser sua preferência, mas a vida tinha formas de mudar que surpreendiam até mesmo ele, e, de repente, ele se viu não apenas sendo servido por um criado pessoal, mas também lendo a coluna social dos jornais e os pasquins de fofoca como se fosse um cavalheiro de sangue azul que se importava com tais coisas. De que outra forma ele poderia aprender sobre o mundo no qual desejava se infiltrar?

A bela da temporada chegou...

— Lady Cordelia Chatham — murmurou ele, testando o nome em voz alta.

Lady Cordelia.

Ela parecia ser exatamente o que procurava, ou *quem* procurava. Ele deu um peteleco no jornal, satisfeito. *Aqueles que desejam uma noiva nobre e bem relacionada não precisam procurar mais nada.* Realmente.

O CONDE DE Chatham se sentou na cama, apertando o jornal em suas mãos com uma expressão perplexa, e praguejou. Leu novamente, como se não acreditasse nos próprios olhos.

Lady Cordelia Chatham. Sua filha. Quantos anos tinha a menina? Começou a fazer as contas na cabeça. A menina... ia ser apresentada à corte?

Não se lembrava da última vez que a tinha visto. Certamente não pensava nela havia... Bem, talvez nunca. Não além do dia do seu nascimento, quando a parteira surgiu para informar que ele tinha uma filha. Uma menina. Uma menina inútil. Não um filho.

Olhou novamente para o jornal. Talvez não tão inútil assim.

Na cabeça dele, ela ainda usava tranças e passava o dia no quarto de brincar fazendo o que quer que meninas faziam. De alguma forma, ela havia passado dessa fase. Tinha crescido, e sua esposa tinha se esquecido de alertá-lo para esse fato. *É claro*. Gertie era uma vaca pudica que não fazia absolutamente nada para agradá-lo.

A mulher deitada ao seu lado despertou, mas não deu sinais de que deixaria o calor da cama. Com os olhos ainda fechados, ela puxou o lençol sobre a curva nua e atraente do quadril. Desde o instante em que se casara com Gertie, ela não passara de uma grande decepção, uma corda no pescoço, seu único grande arrependimento, mas não tinha como desfazer aquilo. Infelizmente, sua esposa era forte e saudável e provavelmente viveria mais do que ele. Estava preso a ela.

— Aquela idiota — murmurou.

O som da voz dele causou um sobressalto na parceira, que levantou a cabeça com um murmúrio e perguntou baixinho:

— O que houve?

— Nada que seja da sua conta. Volte a dormir — ordenou ele.

— Então que tal parar de falar?

Ele fulminou o lindo corpo encolhido ao seu lado com o olhar. Era uma garota petulante, mas tinha gasto uma quantia substancial de dinheiro e tempo para atraí-la e conquistá-la, então deixaria aquela impertinência passar. Aguentaria a petulância se significasse ter aquela boquinha sempre que quisesse e onde quisesse.

— É minha filha — resmungou ele.

Fatima abriu um dos olhos sonolentos.

— Filha? Não sabia que era pai.

— Parece que ela foi apresentada à corte e eu não estava lá.

— Como pode? — Fatima se apoiou no cotovelo, muito sedutora naquele estado sonolento, apertando os olhos e tentando enxergar o jornal na mão dele.

— Minha esposa se esqueceu de me avisar.

— Esposa? Não sabia que era casado.

— Claro que sou — sibilou ele.

— E vocês não moram juntos.

— Deus me livre.

Ele tinha se mudado para outra casa logo depois do casamento. Já fazia muito tempo.

— Então, como ela poderia avisar?

Ele fez cara feia ao ouvir o argumento.

— Você está do lado dela? A condessa de Chatham pode ser admirada pela *alta sociedade*, mas eu a conheço e sei que...

— Ah. A condessa de Chatham? Vi uma carta dela na escrivaninha no seu escritório. Uma caligrafia elegante. Foi o que pensei assim que vi o envelope.

— Uma carta? Quando chegou?

Ela encolheu o ombro encantador.

— Não me lembro. Semanas atrás.

— Semanas? Por que você não disse nada, sua idiota?

A expressão dela se anuviou.

— Não sou sua secretária. A escrivaninha é *sua*. Não tenho culpa se você prefere ignorá-la. A carta está lá, junto com o restante da correspondência que você tem negligenciado há um tempo.

Ele contraiu os lábios. Estava na escrivaninha dele. Fechada junto com inúmeras contas não pagas das melhores lojas de Londres. A loja de tecidos. O alfaiate. O clube. Eram todos irritantes. Incômodos impertinentes que se atreviam a pressioná-lo como se não levassem em conta que ele era um conde do reino.

Na verdade, ele provavelmente viu a carta e a ignorou. Uma carta da esposa seria considerada algo tão enfadonho quanto uma cobrança. Ele a teria deixado de lado e esquecido completamente, exatamente como tinha feito com ela.

Não importava.

Agora ele sabia e assumiria o controle.

A filha estava na idade de casar. De repente, passou a servir para alguma coisa. E ele pretendia tirar todas as vantagens possíveis disso.

A DUQUESA DE Dedham soltou um grito de triunfo diante do prato de ovos e peixe defumado e se levantou.

O criado que cochilava ao lado da porta da sala de jantar despertou com um sobressalto, piscando sem parar.

— Alguma coisa errada, vossa alteza?

Valencia apertou o jornal na mão e o sacudiu.

— Nada de errado! Na verdade, está tudo muito bem.

Pelo menos para a querida Delia. Ela acabara de virar a atração da temporada. Tru devia estar nas nuvens. Navegar com a doce filha pelas águas agitadas do Mercado Casamenteiro tinha acabado de se tornar uma perspectiva menos desafiadora.

Ainda sorrindo, Valencia se sentou novamente à mesa. Então, o sorriso foi embora. Olhou ao seu redor para as cadeiras vazias e soltou um suspiro. Era uma visão solitária. Como todas as manhãs. Tinha imaginado que o marido e os filhos ocupariam aqueles lugares agora. Só que não havia filhos, e o marido não era mais o homem com quem tinha casado. Imaginara muitas coisas grandiosas ao se casar com Dedham.

O que não imaginara, porém, eram essas manhãs que passaria na mais completa solidão. Mas ali estava ela. Aquela era a sua vida. A vida que lhe cabia. Não fosse pelas amigas, estaria no mais profundo sofrimento.

Pelo menos Delia teria a chance de ter algo diferente. Algo melhor.

— **O QUE** a deixou tão absorta, mulher?

A marquesa de Sutton tirou os olhos do jornal que estava lendo, acomodada na poltrona favorita diante da lareira.

O marido estava de pé, perto da porta, apoiado pesadamente na bengala cravejada de pedras e encimada por um globo de ouro. Hazel, como ele disse, estava deveras absorta. Não havia outro motivo para não o ter ouvido enquanto ele atravessava os cômodos em direção à sala de visitas. O som da bengala sempre a alertava com antecedência.

— Ah, o *Fuxico Londrino* está cheio de histórias deleitáveis esta manhã.

— Desde que não sejam sobre nós... Já passamos tempo o suficiente nessas páginas.

O marquês estava certo quanto àquilo. Felizmente, as coisas tinham se acalmado. Estava tudo em paz. O nome dela já não era mais mencionado em escândalos havia um tempo. Era como se a sociedade tivesse aceitado a presença de Hazel.

— Não, a história é sobre lady Cordelia, a filha de Chatham. Parece que ela é a nova queridinha da temporada.

— É mesmo? Bem, a mãe sempre foi uma mulher bonita.

— Verdade. Tru é muito bonita.

O marido adentrou o aposento e afundou em uma poltrona perto da lareira com um gemido baixo enquanto as articulações estalavam. Eram casados havia cinco anos, e a mobilidade dele tinha diminuído bastante durante esse período. Desconfiava que ele logo fosse ficar totalmente imobilizado e preso a uma cama. Isso que dava ter se casado com um homem no crepúsculo da vida.

Com boa sorte e estratégia, além da orientação cuidadosa da mãe, aquele não seria o destino de lady Cordelia. A condessa de Chatham era sábia. Faria o melhor pela filha e cuidaria para que fizesse um bom casamento. Talvez até mesmo um casamento por amor.

E sem precisar viver uma existência presa a um velho. Jamais.

Aquele destino cabia só a Hazel.

LADY CORDELIA ATIROU o jornal longe.

— Algo de errado, milady?

— Aquele... aquele pasquim dos infernos!

A criada ficou observando até o jornal cair todo embolado no chão.

— Achei que ficaria feliz.

— Feliz? *Feliz?* — Ela se deu conta de que estava quase gritando, mas não conseguia evitar.

— Sua mãe está feliz.

— Mamãe? — Delia fez uma careta. — Como você sabe?

Stella deu um sorriso enigmático.

— Os criados sabem de tudo.

Delia assentiu, distraída. Sim. É claro. A mãe tinha incutido aquela verdade nela... Junto com incontáveis outros dogmas. *Sempre pense antes de falar.* Os criados podem desaparecer dos lugares, mas sempre estão presentes. Observando. Ouvindo.

— Uma presa — resmungou ela. — Fui reduzida a uma mera presa.

Stella arregalou os olhos.

— Milady preferia não ter sido mencionada? Ou pior, preferia que apontassem algo de negativo?

— Por favor, não tente argumentar comigo, Stella. Estou chateada e quero continuar assim.

A criada assentiu, de bom humor, e se abaixou para pegar o jornal que Delia jogara no chão.

— E por quanto tempo planeja continuar... hum... chateada?

— Não sei. — Delia gemeu e se deitou na cama, fulminando o dossel com ar de reprovação.

— Pelo restante do dia? — perguntou Stella com voz gentil.

— Talvez. — Delia pegou um travesseiro e o abraçou. — Bem, pelo menos por uns vinte minutos.

— Então, aproveite seus vinte minutos, milady. — Stella deu tapinhas no braço da jovem com um risinho. — Vá tomando coragem, pois tenho certeza de que vai receber muitas visitas depois desse sucesso retumbante. — Ela sacudiu o jornal para dar uma olhada. — Talvez você queira descansar para ficar com uma aparência animada.

O tecido branco do dossel parecia dançar sobre Delia, deixando-a tonta.

— Para que eu possa mostrar a todos como sou linda e charmosa — resmungou ela.

— Exatamente — concordou Stella.

— E se eu não conseguir?

— Não conseguir... o quê?

— O que vai acontecer se... — Ela fez uma pausa para umedecer os lábios. — E o que acontece se eu não conseguir ser linda e charmosa? Quando eles todos descobrirem que eu sou apenas uma garota e que não sou tão especial assim?

Nem um pouco especial? O que aconteceria?

O que aconteceria quando descobrissem que ela era uma fraude?



Capítulo 2

Que destino estranho que uma dama só seja valorizada pela aparência e pela capacidade de gerar herdeiros — duas qualidades que estão bem além do seu controle.

— Gertrude, a condessa de Chatham

Era uma ocasião rara quando o marido da condessa aparecia para uma visita. Tru foi alertada imediatamente da presença dele quando a sra. Fitzgibbon a interpelou ainda na porta, assim que chegou em casa. Sentiu um frio na barriga, compreendendo imediatamente a implicação da expressão tensa no rosto da criada que entrava, a saia engomada farfalhando. Só havia um motivo para um semblante tão sombrio. Ela nem precisava dizer as palavras. Tru sabia.

O conde está aqui.

Ela umedeceu os lábios e engoliu em seco.

— Quando ele chegou, sra. Fitzgibbon?

— Há cerca de uma hora, milady — respondeu a criada, enquanto desamarrava o laço da capa de Tru com eficiência, tirando-a de seus ombros.

Chatham não devia estar nada feliz com tamanha espera. Não havia nada de extraordinário naquilo, contudo. Não conseguia se lembrar de nenhuma ocasião em que o conde estivesse feliz. Pelo menos não em sua companhia.

A sra. Fitzgibbon fez um gesto ansioso para que uma criada viesse pegar as encomendas que o laçao carregava atrás de Tru e suas acompanhantes.

— Não se preocupe — disse a sra. Fitzgibbon, nitidamente preocupada com a expressão de terror no rosto da patroa. — Eu servi comida e aquele conhaque francês de que ele tanto gosta. Ele está satisfeito.

— Eu agradeço, sra. Fitzgibbon. — Tru soltou um suspiro aliviado, mesmo sem acreditar em suas palavras.

O marido satisfeito? Aquilo parecia impossível. Ele sempre tinha alguma coisa da qual reclamar. A comida, a bebida, a temperatura do aposento, a companhia, ou seja, *ela*, sempre poderiam melhorar. Principalmente ela. Nada jamais era bom o suficiente para o homem.

Em todos os anos de casamento, Tru duvidava que tivesse passado um mês ininterrupto na companhia do marido. Pensava nele sempre como “o conde” ou “Chatham” (ele nunca permitira que ela o chamasse por qualquer outro nome), e só estivera na presença dela por tempo suficiente para gerar os dois filhos.

Para procriar, ela aprendeu, não era preciso passar muito tempo juntos. Na verdade, Tru logo soube que bastavam alguns instantes. Não fosse pela chegada dos bebês alguns meses depois, mal saberia que Chatham estivera no quarto, na *cama*, dela.

— Ele está aguardando na sala de estar.

A sra. Fitzgibbon apontou para as portas duplas. Estavam fechadas, mas Tru o imaginou do outro lado, comendo e bebendo o que a governanta servira com tanta generosidade.

Tru o vira duas semanas antes, no baile de Marsten. Foi um vislumbre rápido enquanto ele seguia para o salão de jogos, onde os cavalheiros fumavam charutos, jogavam carteados e apostavam. Ele obviamente não a cumprimentara. O salão de jogos era o destino dele. Cordelia e ela não eram o motivo de sua presença. Estava ali por interesse próprio.

Ela tirou as luvas e as entregou para a sra. Fitzgibbon.

— Melhor não o fazer esperar mais.

Ela se virou para suas acompanhantes do dia, que observavam tudo de olhos arregalados. Rosalind e Valencia sabiam muito bem que a visita do conde era um evento bastante singular.

— Queiram me perdoar, mas terei de retirar o convite para um refresco.

Elas haviam passado a tarde fazendo compras, e Tru sugerira que fossem à casa dela para tomarem um chá.

— Podemos ficar com você — sugeriu Valencia, os olhos escuros demonstrando preocupação.

— Sim, podemos acompanhá-la. — Rosalind assentiu enfaticamente. — Eu ficaria feliz de ver meu cunhado.

Tru fez uma careta ao imaginar a cena.

A irmã nunca fingira gostar de Chatham, e o sentimento era recíproco, com certeza. Sempre que se encontravam, a conversa rapidamente se transformava em troca de farpas e insultos velados. Aquilo não ajudava em nada, só tornava Chatham uma pessoa ainda mais difícil de lidar, e lidar com o marido indiferente nunca tinha sido o forte de Tru.

— Melhor não, Ros. Vá para casa. Conto tudo amanhã.

— Tem certeza? — Valencia ainda não parecia convencida. A desconfiança dela era compreensível. Ela sabia muitas coisas sobre maridos libertinos.

— Agradeço a preocupação, mas tenho certeza.

A irmã e a amiga lhe deram um beijo no rosto.

— Até amanhã, então.

Ela concordou com um murmúrio, mas já tinha seguido para a sala, pensando no homem que a aguardava do outro lado das portas.

Tru fez um aceno impassível, e um lacaio próximo lhe abriu as portas. Ela entrou. O som da porta se fechando atrás dela ressoou como um sino.

Encontrou o marido exatamente como esperava: sem as botas, os pés com meias apoiados em um banco, comendo e bebendo tudo que lhe fora servido. A sra. Fitzgibbon lhe trouxera um verdadeiro banquete.

Mesmo que não fosse uma visita frequente, ele era o conde de Chatham, e os criados da cozinha conheciam todas as suas preferências. Sabiam muito bem que era melhor agradá-lo. Ele podia até não morar no endereço de Grovesnor Square, mas era o lorde e o patrão. Era ele quem controlava o sustento deles. Era lamentável, mas era verdade... e nunca era esquecido.

Tru se casara aos dezoito anos, e na época não se sentia tão jovem. Não quando todas as suas amigas também estavam se casando. Era o que tinham de fazer, o que *era*

feito. Pensando em quem era na época, sabia que fora completamente pueril em suas esperanças ingênuas e expectativas irreais.

Acreditara estar vivendo um conto de fadas, e Chatham era o príncipe da história. Foi um erro fácil para uma jovem cometer, um erro pelo qual ela ainda pagava. Alguns erros eram assim... tinham consequências que nunca paravam de machucar.

Apenas seis anos mais velho, Chatham era muito bonito na época, o partido mais cobiçado da temporada, com a beleza e o ar de menino. Ela era invejada pelas amigas. Não que ele fosse feio agora. Até que era atraente para um homem da sua idade, mesmo que o cabelo antes farto tivesse se esvaído. Mechas castanhas e ralas se espalhavam no alto da cabeça. A barriga estava um pouco saliente e pelo visto ele tinha intenção de fazer jus a ela, pela voracidade com que consumia a bandeja de cordeiro.

Gostaria de poder voltar no tempo e avisar a si mesma para não se deixar levar pela aparência e pelo charme superficial dele. Gostaria de ter conhecido primeiro como ele era por dentro antes de fazer os votos inquebrantáveis do casamento. Gostaria de ter resistido à insistência dos pais para aceitar o pedido dele.

Gostaria de...

Gostaria de muitas coisas, mas não permitia que o arrependimento a consumisse. Aquilo não serviria para nada. Se o passado pudesse ser reescrito, ela não teria Delia e Charles.

— Chatham — cumprimentou ela, pois ele ainda não tinha notado sua presença. Ele levantou o olhar, ainda mastigando, e a encarou com toda a sua indolência.

— Olá, esposa. Que gentil da sua parte finalmente se juntar a mim.

— Eu não sabia que faria uma visita hoje, ou estaria aqui para recebê-lo.

Ele ignorou a desculpa.

— Saiu para fazer compras?

— Sim, na Bond Street.

O conde largou um osso, já sem nenhuma carne.

— Você sempre teve talento para gastar o meu dinheiro.

Meu dinheiro.

A ousadia do homem. Tudo que existia dentro dela se incendiou diante da injustiça do comentário. Respirou tentando resistir às respostas acaloradas que lhe

queimavam a língua. Era naqueles momentos que ela mal conseguia reconhecer nele o homem que conhecera e com quem se casara.

Chatham não tinha um tostão furado no bolso quando se casara com Tru. Era um pobretão em busca de uma herdeira, e ela fora exatamente aquilo. Uma herdeira que se destacou na temporada, cortejada por Chatham e muitos outros.

Tru fora a resposta para as orações de Chatham. Presumindo que ele rezasse, o que era bastante improvável. O marido não fazia o gênero devoto. Ele rezava no altar de mulheres livres, nos inferninhos de jogatina e, o atual favorito, nas apostas em corrida de cavalo em Tattersalls.

Ainda assim, tinha algo a oferecer. Algo que fez os pais dela ignorarem a falta de dinheiro. Ele tinha um título antigo e venerável e duas casas: uma na cidade e um mausoléu antigo com um terreno extenso em Lake District com ossos que estalavam mais alto do que os do rei Jorge no inverno. Ambas as casas estavam caindo aos pedaços em volta dele, mas, ainda assim, eram bens impressionantes e valiosos que bastaram para encantar os pais dela. E foi dessa forma que ela se tornou a condessa de Chatham.

Por anos, eles viveram do seu generoso dote de casamento. Quando o dinheiro acabou, Chatham recorreu aos pais dela para obter mais. A mãe de Tru nunca a deixava esquecer o fato, nunca. Não que aquilo a tivesse impedido de dar o dinheiro à filha. As aparências importavam. Eram tudo para a mãe, que não aceitaria que Tru, a condessa de Chatham, andasse como uma pobre coitada.

A acusação dele de que era *ela* quem gastava o dinheiro de Chatham a enojava, considerando que os pais dela os sustentavam e era *ele* quem mais gastava.

Chatham só comprava as coisas mais finas para si. Depois do casamento, reformou a mansão na zona rural e comprou uma terceira casa para morar, longe dela e dos filhos. Uma casa elegante em Gresham Square na qual se sentia totalmente à vontade para se distrair e levar a amante que bem quisesse para aquecer a cama.

Ele não sabia nada sobre restrição. Por isso, mantinha várias casas, vestia-se na última moda, gastava uma quantidade imensa de tempo e dinheiro em casas de jogos, esbanjava com viagens caras (e com mulheres caras), enquanto ela vivia uma vida discreta com os filhos e sem grandes gastos.

— A que devemos a honra da sua visita?

— Ah, sim. — Ele pegou um pedaço de queijo e deu uma enorme mordida. — A nossa filha.

Tru ficou tensa. Nunca, em dezoito anos, ele tinha feito pergunta alguma a respeito da filha. Não era um assunto que discutiam. Ele não se interessara pela criação dela. Era Tru quem tomava todas as decisões em relação a Cordelia, e ela sentiu uma fígada de medo diante daquele interesse repentino.

— O que tem ela?

— Ela tem dezoito anos agora.

— Estou ciente. — O tom dela era cortante, mas ele pareceu não notar.

O conde mergulhou outra costela na geleia de hortelã.

— Está na hora de ela se casar.

Respire.

Então esse era o motivo da visita.

Sabia que esse dia chegaria. Era inevitável. É claro que ele se interessaria pelas perspectivas de casamento da filha. Delia tinha se tornado a queridinha da temporada. Especialmente depois da coluna do *Fuxico Londrino* da semana anterior. O conde deve ter ouvido que ela estava bem cotada, e decidiu fazer algo a respeito.

Tru vinha orientando Delia sobre a sociedade com prudência, sempre empenhada em mostrar à filha que ela tinha escolha, que não precisava se apressar para se casar, que poderia, e *deveria*, dedicar um tempo antes de escolher e conhecer bem o futuro marido. Tru não queria que Delia repetisse os mesmos erros que ela. Não permitiria que a filha fosse pressionada do jeito que Tru fora quando tinha apenas dezoito anos.

— Delia tem a honra de ter muitas possibilidades — disse ela com cuidado. — É motivo de muito orgulho para você. Tenho certeza de que, na hora certa, ela vai fazer uma boa escolha que o deixará muito satisfeito.

— Ah, mas eu já estou muito satisfeito e pronto para colher os lucros. — Ele terminou de chupar o osso da costela, enfiando-o todo na boca, e depois o atirou na pilha que se acumulava no prato. — Eu já escolhi para ela.

Abateu-se um longo silêncio no qual as palavras do marido ficaram ecoando em sua mente. *Eu já escolhi para ela.*

As palavras ressoavam como os sinos da morte: cada palavra com um clangor longo e vibrante dentro dela. Tru foi tomada por um enjoo.

Ele continuou:

— Tenho um ótimo partido para ela que será de grande benefício. Desde que nossa filha o agrade, é claro.

Uma corda invisível parecia apertar o pescoço de Tru. As palavras lançaram um refluxo amargo de medo em sua boca. Apesar do gosto terrível, ela engoliu enquanto lutava para manter a compostura. Sabia que era melhor não demonstrar medo. Medo era vulnerabilidade. Os animais atacavam os vulneráveis, e sim, quanto a isso, quando se tratava do marido, a analogia servia como uma luva.

Logo que se casara, fora ingênua o suficiente para achar que ele talvez se importasse com os sentimentos dela. Ela abria o coração para ele, revelando todas as suas vulnerabilidades.

Mas ele não se importava.

Ela avançou mais em direção a ele, as saias farfalhando no ar. Sentou-se diante do marido, mantendo a postura, e perguntou:

— O que disse?

Tru tinha a exata noção do que ele acabara de dizer, mas não conseguia se obrigar a repetir, como se fazer isso fosse transformar suas desconfianças em realidade.

Ele parou de mastigar e a fulminou com o olhar.

— Você começou a perder a audição por causa da idade avançada?

O sorriso congelou no rosto, mas ela não mordeu a isca. Idade avançada, pois sim. Ela era muito mais jovem que Chatham, mas ele a tratava como se ela já estivesse com o pé na cova. Ela achava que aquilo fazia sentido para ele, que preferia mulheres bem jovens. Os parâmetros dele eram nem um dia após os trinta.

— Escolhi um marido para Cordelia — repetiu ele, bastante exasperado e claramente irritado com a suposta burrice da esposa.

Suas desconfianças se confirmaram, então. Ela respirou fundo.

Era tão inconcebível, mas nada surpreendente. O marido mal tinha visto a filha ao longo dos anos, mas agora encontrara um marido para ela.

— Um marido — murmurou ela. — Como assim?

Ele estreitou o olhar para a esposa.

— O que você acha, Gertie? Que inferno, mulher! Você sempre foi tão burra assim?

Ela se encolheu. Não por causa do tom agressivo, embora o marido realmente estivesse exaltado. Não, era por causa do nome que odiava. *Gertie*.

O conde era a única pessoa que a chamava assim, e ela desprezava o apelido. Ela o corrigira educadamente logo que ele começara a lhe fazer a corte, mas ele continuara usando o apelido e ela se convencera de que poderia passar a gostar, que ela *deveria*... que era carinhoso. Depois do casamento, logo aceitou que odiava. Sempre odiara. Aceitara aquela verdade junto com tantas outras em relação ao novo marido.

— Delia tem a honra de ter muitas possibilidades — repetiu ela. — É cedo demais para ela restringir suas escolhas ainda no início da temporada.

— Sou eu que digo quando é a hora de restringir as escolhas.

Uma criada entrou na sala bem naquele momento, carregando uma bandeja de aperitivos. Abigail sorriu e assentiu para Tru ao passar, e parou diante do conde. Fez uma rápida reverência e ofereceu a bandeja.

— Milorde.

— Ah. — Ele se empertigou e se inclinou para a moça, a mão pairando sobre a bandeja. — Parecem deliciosos. — Mesmo enquanto dizia as palavras, seu olhar passeava pela jovem criada, principalmente pelas curvas generosas do corpo dela, escondidas sob o avental.

Tru soltou um suspiro pesado, esperando que o som o fizesse retroceder. Mas obviamente não adiantou. Ele não tinha vergonha na cara.

A criada também percebeu a atenção, e o rosto corou enquanto aguardava, os braços trêmulos segurando a bandeja estendida para ele.

Chatham escolheu um canapé de pato com um fio de mel e o enfiou na boca.

— Hum... Delicioso. Sua cozinheira é maravilhosa. Eu realmente deveria frequentar mais esta casa se esse é o tipo de comida que costuma ser servida.

Tru sentiu o estômago embrulhar. *Meu Deus. Não.*

Talvez recebê-lo com comida de primeira qualidade servida por garotas bonitas não tivesse sido a melhor decisão. Não se isso o fizesse continuar vindo.

— Pode deixar a bandeja, Abigail. Obrigada — disse Tru, dispensando a criada.

A garota abriu espaço na mesa e colocou a bandeja diante de Chatham. Com um olhar de alívio para Tru, saiu apressada.

Chatham observou a saída com um olhar de deleite, inclinando a cabeça para ter um melhor ângulo.

— Não me lembro dela. É uma criada nova?

Tru ignorou deliberadamente a pergunta, nem um pouco interessada em alimentar o gosto inadequado do marido por jovens mulheres da criadagem. Até aquele momento, tinha conseguido proteger as mulheres da sua casa dos... apetites dele. Esperava manter as coisas assim.

Umedecendo os lábios, ela flexionou os dedos, apertando os joelhos.

— Será que pode me dizer o nome do cavalheiro que escolheu?

Foi com muita dificuldade que conseguiu fazer aquela pergunta. Havia uma aceitação inerente nela... e a última coisa que sentia era aceitação. Mas sabia bem como lidar com o marido. Uma oposição direta nunca era o caminho. Precisava ser mais habilidosa. A sutileza e o planejamento eram necessários.

Ele voltou a olhar para ela, piscando como se estivesse confuso. A criada bonita e os canapés frescos o haviam distraído. Ele já havia se esquecido sobre o que estavam conversando.

— O nome desse homem que... escolheu? — insistiu ela.

— Ah, sim. O nome dele é Jasper Thorne.

Ela tentou se lembrar do nome.

— Não conheço esse cavalheiro.

Ela achava que sabia o nome de todos os solteiros da cidade, afinal, a filha estava em idade de se casar. Que tipo de mãe seria se não soubesse?

— Você não o conhece. Ele não frequenta os mesmos círculos que nós.

— Então, por que você o recomendaria?

Se aquele tal de Thorne não fazia parte da mesma classe social, por que seria um candidato adequado na mente do conde?

O marido era extremamente consciente de sua posição na hierarquia da alta sociedade, de seu lugar na alta nobreza. Na verdade, não perdia tempo com ninguém que não impulsionasse suas ambições sociais e o servisse de alguma forma. Ela arriscaria até supor que Jasper Thorne fosse alguém que poderia fazê-lo avançar socialmente. Não podia haver outra explicação. O homem ou era rico ou era o próximo rei da Inglaterra.

Diante do silêncio de Chatham, ela continuou:

— O jovem lorde Ruthford está enamorado de Delia, e eles se conhecem desde pequenos.

O marido fez uma careta.

— Ruthford? Aquele lordezinho não tem nada a ver com o que tenho em mente.

— Não há nenhum traço de maldade no corpo daquele jovem, ele sempre gostou muito de Delia.

Havia um grande conforto naquilo. Tru sabia que ele nunca a maltrataria. Estava nos olhos bondosos que se suavizavam quando olhavam para Delia. Ele a venerava e seria grato de poder chamá-la de esposa.

O marido negou com a cabeça.

— A família Ruthford tem uma fortuna moderada. Podemos nos sair muito melhor do que isso. Thorne é um homem de imensa fortuna. O suficiente para virar o jogo. — Os olhos de Chatham brilharam como quando tinham admirado a jovem Abigail.

— Delia se sentiria bem confortável como a futura viscondessa de Ruthford...

— O conforto de Delia não é relevante.

Claro que não. Ela só era uma filha. Uma mulher. Pouco melhor do que um imóvel. Não importava a classe, não importava a posição, as mulheres eram peões a serem movidos no tabuleiro da vida. Os jogadores, como sempre, eram os homens.

Chatham continuou:

— Eu só tenho uma filha, graças a você, e tenho a intenção de ganhar o máximo que puder com ela. Com apenas um filho, que escolha eu tenho?

Tru ignorou a alfinetada. Ela bem sabia que ele a culpava por não considerar a prole grande o suficiente.

— Por favor, Chatham. Eu ainda nem conheço esse tal de Thorne. Mais importante ainda: Delia também não.

O conde deu de ombros.

— Uma questão que logo será retificada.

Ela tentou desesperadamente pensar em algo para dizer que talvez pudesse afetar Chatham e fazê-lo mudar de ideia.

— Eu tinha certeza de que você gostaria que Delia se casasse com alguém com título de nobreza.

Ele deu de ombros mais uma vez.

— Um título não significa absolutamente nada se um homem não tem meios de sustentá-lo.

Tru sabia que ele tinha aprendido aquilo bem cedo. Foi o que o levava a se casar com ela... o dinheiro. E agora o interesse o levava àquilo, a escolher um pretendente para a filha com base não no pedigree, no caráter ou no amor, mas apenas no bolso.

Ela ficou olhando enquanto ele continuava comendo, sentindo o desamparo crescer.

— Ruthford tem como sustentá-la com conforto. Ele não é perdulário. Não gasta tempo nos jogos nem com mulheres. É um rapaz muito sensato. — *Diferente de você*, pensou.

O olhar dele endureceu como se tivesse ouvido o pensamento.

— Melhor se esquecer de Ruthford. Ele não é bom o suficiente.

Não é bom o suficiente para Chatham. Porque ele não pode, ou não vai querer, sustentar o sogro além da mulher. Com certeza, não. Os pais de Ruthford não permitiriam tal coisa.

— E esse sr. Thorne é?

— Não se preocupe. Você logo vai conhecê-lo. Já tomei todas as providências.

Logo? Quando? Ela ficou olhando para ele, cheia de expectativa, aguardando com um aperto no peito. Ele continuou comendo sem se preocupar, fazendo-a perguntar:

— Providências?

— O baile de Lindley é amanhã à noite. Ele estará lá. Eu mesmo me certifiquei de que ele recebesse um convite. Espero que Cordelia seja afável. Certifique-se de ensinar o que é esperado dela. Ela deve ser o mais agradável possível com ele, pois não será a única jovem lá com intenções de conquistá-lo. — Ele franziu o cenho em contemplação silenciosa ao dizer aquilo. — Você acha que é capaz de lidar com esta questão de forma satisfatória, mulher?

Ele claramente tinha dúvidas. Ela também.

A mente estava um turbilhão. É claro que elas tinham planejado ir àquele baile. Nunca tinham perdido nenhum dos eventos de lady Lindley.

Agora o conde olhava para ela cheio de expectativa, esperando a resposta.

— Ela será educada — prometeu Tru, porque nenhuma outra resposta seria aceitável. — Vou me certificar disso.

Não que precisasse fazer nada de especial para cumprir tal promessa. Delia era uma moça de boas maneiras. Uma alma gentil. Quase boa demais para aquele mundo, e era o que preocupava Tru quando pensava em como o mundo podia ser ruim com pessoas bondosas.

Debutantes poderiam ser criaturas brutais, e Delia tinha um alvo pintado nas costas como uma das debutantes mais belas da temporada.

— Espero que ela seja *mais* que educada. — O olhar do conde se fixou em Tru novamente, e havia ameaça suficiente brilhando ali. — Certifique-se disso, mulher. Talvez seja melhor pedir para outra pessoa orientá-la, já que essa não é sua melhor qualidade. Posso recomendar algumas damas. Sua amiga, a duquesa de Dedham... ah... — Ele estalou os dedos. — Ou a deleitável marquesa de Sutton. — Uma expressão distante e lasciva tomou o rosto dele, enquanto ele claramente imaginava Hazel, provavelmente sem as roupas. — Ah, *aquela* sim é uma mulher que sabe usar seus atributos de forma eficaz. Eu me arrependo de não ter aproveitado quando tive a chance de possuí-la.

Ele era um porco.

Tudo que Tru podia fazer era permanecer sentada, sentindo-se pequena, indefesa e cheia de um ódio impotente conforme o marido falava sobre os charmes de outra mulher, uma de suas amigas, ainda por cima.

De todo modo, mesmo enquanto permanecia imóvel, uma determinação forte queimava no fundo do seu estômago. Sua filha teria algo melhor do que aquilo. O marido não ganharia.

Tru talvez estivesse para sempre ali, uma prisioneira das vontades do marido, sujeita aos seus caprichos, mas não permitiria que Delia fosse sentenciada ao mesmo destino.

Ela lutaria. Lutaria por Delia. Lutaria pela filha como jamais lutara por si mesma.

Talvez, pela primeira vez na vida, Tru entraria em uma luta, e ela com certeza sairia vencedora.



Capítulo 3

Sessões espíritas são muito banais e vulgares, cheias de fraudes deploráveis e charlatões. Mal posso esperar para ir a uma.

— A honorável lady Rosalind Shawley

Pelo visto, não conseguiria ficar sozinha.

Valencia e Rosalind ignoraram as instruções para ir embora. Tru as encontrou no quarto dela, um par de gatinhas prontas para atacar no instante em que ela entrasse.

Suspirando, ela encostou-se à porta, agradecida pelo forte apoio depois do encontro com Chatham, mas não necessariamente querendo encarar Rosalind nem Valencia. Preferia socar o próprio travesseiro a sós. É claro que não poderia fazer aquilo diante delas.

Nunca perdia a compostura e muito menos a calma. Não importava que aquelas mulheres fossem suas amigas. Ela era a mais velha do grupo. A que sempre mantinha a calma e fazia com que permanecessem unidas. A fachada não poderia desmoronar, nem mesmo rachar.

Soltou o ar e percebeu que a respiração estava ofegante.

Tru não costumava valorizar o fato de o marido a deixar sozinha até ele lhe fazer uma visita. E a visita daquele dia talvez tenha sido a pior e a mais odiosa, mesmo com tantos momentos odiosos no decorrer daquele casamento.

Logo depois de ter feito os votos, lançando-os no ar, Tru percebera que tinha cometido um grave erro. Eles moraram juntos no início. Chatham ainda não tinha comprado a nova casa. O alívio veio depois. Desse modo, o primeiro ano como marido e mulher fora repleto de momentos odiosos e insuportáveis.

Mas o que tinha acabado de acontecer? Aquilo era completamente diferente, uma vez que envolvia Delia. Aquilo atingia um novo nível de horror.

Devia saber que chegaria o dia em que ele faria uma coisa daquelas, em que usaria a própria filha como uma moeda de troca. Na verdade, *sabia*, só tinha evitado o pensamento enquanto se dedicava a ajudar Delia a encontrar o próprio caminho na sociedade, rezando fervorosamente para que ela conseguisse um pretendente de sua escolha antes que o conde soubesse que a filha tinha sido apresentada à sociedade e que estava conquistando corações com tanta facilidade.

Parece que elas não foram rápidas o suficiente.

Rosalind se levantou da cama com a mesma energia que sempre demonstrava, desde pequena. Ninguém olharia para ela e imaginaria que era uma solteirona de trinta anos. Ela mantinha a aparência jovem. Linda, animada e bem satisfeita de continuar morando com os pais.

— Aquele infeliz ainda está aqui?

— Não. Já foi. — Ele nunca ficava por muito tempo, preferindo estar em qualquer lugar que não fosse na companhia dela, e Tru era grata por isso.

— Já foi tarde. — Rosalind assentiu. — O que ele disse? O que ele queria?

O que ele queria? Rosalind conhecia o conde bem o suficiente para saber que sempre havia um motivo para ele aparecer. E sua única motivação eram as próprias necessidades.

Ultimamente, o único motivo das visitas dele era Charles. Ele nunca tinha feito o menor esforço para ver a própria filha. Quando Charles voltava de férias da faculdade, Chatham aparecia para visitá-lo. O conde tinha interesse no filho, afinal, era seu herdeiro.

Tinha sido difícil explicar a falta de interesse de Chatham para uma garotinha que só percebia a preferência do pai pelo filho. Tru bem que se esforçara até que, por fim, deixou de ser necessário. Delia atingiu uma idade em que começou a ser capaz de tirar as próprias conclusões sobre o tipo de homem que o pai era. Mais cedo ou mais tarde, a realidade, assim como a verdade, simplesmente aparecia.

Como resultado, Delia não tinha nenhum sentimento carinhoso em relação ao seu genitor, e Charles já seguia no mesmo caminho aos dezesseis anos. Não importava que o pai o visitasse. Ele observava a total falta de interesse do conde na mãe e na irmã, e aquilo deixara uma impressão duradoura nele, um rapaz doce e leal. Os dois filhos eram bondosos e gentis, não parecendo em nada com o pai.

Era responsabilidade de Tru protegê-los. Mesmo que aquilo significasse protegê-los do próprio pai. Estava, mais do que nunca, determinada a fazer aquilo.

Tru respirou fundo para se preparar e disse da forma mais casual e natural que conseguiu:

— Ele veio aqui me informar que encontrou um marido para Delia.

Aquela era sua natureza, ou como tinha aprendido a ser, como o mundo a moldara. Nunca revelava o turbilhão que se passava dentro do coração, nem as decepções que sentia. De que adiantaria? A história da sua vida já estava escrita e não tinha como mudar. Ela se apresentava apenas como uma pessoa controlada e austera. Uma mulher de compostura inabalável.

— Ele encontrou um marido para ela? — Rosalind colocou a mão na cintura e parecia pronta para sair do quarto e ir atrás de Chatham.

Aquilo bem que era possível quando se tratava de Rosalind. A irmã era destemida, tão diferente da condessa como água do vinho. Ela aguentara firme a pressão dos pais, recusando todas as propostas que recebeu no decorrer dos anos, e aquilo exigia coragem... e teimosia.

— A audácia desse homem! — exclamou Rosalind.

— E quem ele escolheu para Delia? — perguntou Valencia, sempre pragmática.

Claro que ela entenderia, pois também se casara na primeira temporada, obedecendo a ordem do pai. Na verdade, da família, dos amigos... de toda a sociedade. As coisas eram assim.

Valencia, assim como Tru, sabia tudo sobre a pressão que as jovens damas enfrentavam... Expectativas que, de alguma forma, Rosalind conseguira ignorar. Ao que tudo indicava, Ros podia se dar àquele luxo. Era a mais nova. O irmão e as irmãs já tinham se casado. Ela tinha autorização para se rebelar sem enfrentar reprimendas, e Tru ficava feliz por ela. De verdade. Não havia ressentimentos.

— Um tal de sr. Thorne. — Tru meneou a cabeça e soltou outro suspiro. — Vocês já ouviram falar dele? De acordo com Chatham, ele é tão rico quanto o rei

Creso, mas nunca ouvi falar nada dele.

— Nem eu, mas decerto que deve ser muito rico. Não tem como ser diferente.
— Rosalind deu uma risada de desdém. — Que outro requisito Chatham determinaria?

Tru olhou para Valencia. A amiga deu de ombros, indicando que também não tinha ouvido falar dele. Isso a preocupava. A amiga era bem relacionada com as pessoas da alta sociedade. Em que buraco Chatham tinha encontrado esse homem?

— Pois hei de investigar e descobrir tudo que eu puder sobre ele — jurou Tru.

— Isso mesmo. — Valencia assentiu. — E nós vamos ajudar. Também vamos convocar Maeve para a tarefa. Ela tem muitos contatos.

— Ela tem contatos no governo. Que funcionário público ou diplomata é tão rico quanto o rei Creso? — perguntou Rosalind. — Se ele fosse alguém na sociedade, nós o conheceríamos. O que me faz perguntar... Que tipo de homem Chatham desenterrou?

Elas ficaram pensando naquilo em um silêncio preocupado.

— E quanto a Hazel? — sugeriu Rosalind.

— Hazel. — O rosto de Valencia se contorceu na hora ao ouvir o nome da mulher do pai.

— Ah, não fique assim. Eu sei que você não gosta dela, mas ela é da sua família...

— Ela não é da minha família. Não diga isso — interrompeu Valencia em um protesto que já conheciam bem.

Rosalind continuou:

— Ela conhece muita gente. Gente que não está nos nossos círculos sociais. Homens que não conhecemos. Homens ricos. Não deveríamos deixar de considerá-la como um recurso. Talvez ela conheça esse tal de sr. Thorne.

— É claro que ela *conhece* homens. — O rosto de Valencia estava rubro.

— Ela faz parte de um mundo sobre o qual não sabemos nada. Será que não deveríamos perguntar se ela o conhece? — Rosalind levantou uma das sobrancelhas.
— Pelo bem de Delia.

Tru assentiu.

— É um argumento bem lógico.

Valencia apertou os lábios insatisfeita, mas não colocou mais objeções, por mais que quisesse. Ao que tudo indicava, ela estava disposta a lidar com a madrasta por

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A condessa"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).